

Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional

Lilian Vieira Ferrari*

Abstract

This paper takes a cognitive approach to conditional constructions in Brazilian Portuguese, based on conceptual parameters such as epistemic stance, viewpoint and blending. From the analysis of conditionals in conversational interaction, it is argued that such constructions provide evidence for the understanding of grammar as a mode of social interaction.

Introdução

O estudo de construções condicionais tem merecido considerável atenção na literatura, tanto em trabalhos de orientação funcionalista (Haiman, 1978), como em estudos a respeito do fenômeno de gramaticalização (Traugott, 1985) e, mais recentemente, em abordagens cognitivas (Sweetser, 1990, 1996; Fillmore, 1990 a,b; Dancygier e Sweetser, 1996, 1997) e interacionais (Lerner, 1996). Embora sob enfoques diferenciados, esses estudos destacam o caráter contextualizador dessas construções, apontando-as como suporte (“background”) para predições, conclusões e atos de fala específicos.

Em linhas gerais, a maioria dos pesquisadores mencionados estabelece investigações referentes à relação entre aspectos gramaticais (tipo de conjunção, tempo e modo verbais) e funções cognitivas e/ou interacionais (criação de espaços mentais, sinalização de postura epistêmica e de ponto de vista do falante, estratégias de organização de turnos conversacionais).

Com base nesses estudos desenvolvidos para o inglês, a proposta do presente trabalho é investigar os mecanismos gramaticais de introdução de

* Prof^º. Adjunto do Departamento de Letras, UFJF/ Doutora em Linguística (UFRJ).

espaços mentais condicionais no Português do Brasil e, mais especificamente, de sinalização da postura epistêmica e do ponto de vista do falante com relação aos espaços criados, por meio da escolha modo-temporal, bem como evidenciar processos cognitivos de mesclagem, nos termos propostos por Fauconnier e Turner (1994, 1995, 1996). Busca-se ainda articular os resultados relacionados a esses processos de instrução cognitiva a estratégias de interação conversacional.

1. Pressupostos teóricos

A investigação das construções condicionais fundamentar-se-á em duas molduras teóricas principais: a teoria dos espaços mentais, tal como proposta por Fauconnier (1985, 1994, 1997) e abordagens interacionais, que concebem a gramática como intimamente ligada a esquemas mais amplos de organização da conduta humana e à interação social em particular (Ochs, Schegloff & Thompson, 1996).

1.1 Espaços mentais condicionais: postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem

A abordagem cognitiva enfoca a interação entre gramática e estrutura conceptual: em particular, a relação sistemática entre espaços mentais e sintaxe/semântica.

A descoberta de que conexões cognitivas desempenham papel central na organização do pensamento teve importantes conseqüências para a pesquisa semântica depois da segunda metade dos anos setenta. Houve uma mudança de ênfase do estudo do significado lógico das sentenças para a investigação das construções cognitivas que as sentenças ajudam a construir - projeções metafóricas, estruturas de enquadre, papéis, configurações figura-fundo, funções pragmáticas metonímicas, ligações entre espaços mentais, esquemas cognitivos e modelos culturais.

O trabalho de Fauconnier e colaboradores sobre espaços mentais (Fauconnier 1985, 1994, 1997, Fauconnier e Turner 1994, Sweetser e Fauconnier 1996) fornece um modelo geral para o estudo da interação entre conexões cognitivas e línguas naturais, apontando a provável universalidade do fenômeno de conexão entre domínios conceptuais no pensamento e na linguagem.

Espaços mentais são concebidos como modelos parciais ou locais de aspectos do conteúdo mental; são diferentes de mundos possíveis, na medida em que não são de natureza objetiva, não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições de verdade e não são globais.

No que diz respeito às construções condicionais, Fauconnier argumenta que ao se criar um espaço mental a partir de "*Se João tivesse vindo à reunião,*

eu estaria mais feliz”, não se estabelece a idéia de que eu estaria feliz neste mundo de um modo geral (com guerras, doenças, etc); nem tampouco vislumbra-se um mundo definitivamente melhor em termos globais. O que se enfoca é uma porção limitada da estrutura do mundo: cria-se um espaço no qual João veio à reunião, e as outras estruturas locais (tais como hora, local e outros participantes) provavelmente mantêm-se as mesmas.

1.1.1 Tipos de condicionais

Partindo do princípio de que as construções condicionais criam espaços mentais, Sweetser (1990, 1996) argumenta que essas construções podem ser concebidas como modelos de situações do mundo real (CONDICIONAIS DE CONTEÚDO), de processos de raciocínio (CONDICIONAIS EPISTÊMICAS) ou ainda de atos de fala (CONDICIONAIS PRAGMÁTICAS).

As CONDICIONAIS DE CONTEÚDO apresentam dependência entre prótase e apódose em termos de seus conteúdos: os eventos descritos estão em relação condicional e causal, como nos exemplos a seguir:

- (1) *Se Márcio faltar à reunião, ele será demitido.*
- (2) *Se Márcio faltasse à reunião, ele seria demitido.*

Nos exemplos acima, o fato de faltar à reunião causará a demissão de Márcio no mundo descrito.

No caso das CONDICIONAIS EPISTÊMICAS, a relação de causalidade não se estabelece entre eventos no mundo descrito, mas entre o conhecimento do falante a respeito de um determinado evento e uma conclusão específica motivada por esse conhecimento. Observe-se o exemplo a seguir:

- (3) *Se ele digitou a tese de Susana, (então) ele a ama.*

O exemplo acima poderia ser traduzido por algo como “Se eu sei (ou acredito) que ele digitou a tese de Susana, então posso concluir que ele a ama”. Portanto, não é a digitação que causa o amor; na realidade, aceita-se a relação oposta entre os conteúdos envolvidos: sugere-se que é o sentimento de amor que pode ter causado a disponibilidade para a digitação.

Já as CONDICIONAIS PRAGMÁTICAS são estruturadas de modo bem distinto das condicionais mencionadas anteriormente. Não há nenhuma relação de causalidade entre eventos descritos, como mostram os exemplos a seguir:

- (4) *Se você é tão esperto, quando nasceu Tiradentes?*
- (5) *Se você não estiver muito ocupado, ligue para mim.*

É importante notar que, em (4), não se está predizendo o nascimento de Tiradentes, nem tampouco o ato de se fazer perguntas sobre isso; ao

contrário, o que se faz é desempenhar condicionalmente o ato de perguntar. Em (5), analogamente, não há nenhum tipo de predição, mas verifica-se a realização condicional de um pedido.

Segundo Dancygier (1993) e Dancygier e Sweetser (1996a), uma das funções centrais das condicionais de conteúdo é a *predição*. Ao estabelecer uma relação condicional entre P e Q, como em *Se chover, eles cancelarão o jogo*, o falante prediz o cancelamento do jogo com base no conhecimento de que vai chover. Nos termos propostos por Fauconnier (1985), criam-se espaços mentais alternativos: um espaço em que não há chuva e há jogo, outro espaço em que há chuva, e não há jogo. O objetivo desse tipo de construção condicional é precisamente expressar a predição condicional do cancelamento do jogo, com base em uma correlação causal entre chuva e cancelamento, e não com base em outros fatores que poderiam surgir. Assume-se que essa correlação é a mais relevante (no sentido técnico de Sperber e Wilson, 1986) para a predição desse evento.

Dancygier (1992) argumentou convincentemente que as condicionais epistêmicas e pragmáticas, em geral, não são preditivas. Ao apresentar condicionalmente um ato de fala ou um padrão de raciocínio, o objetivo do falante não é necessariamente estabelecer alternativas. A sentença (3), por exemplo, apresenta a crença do falante de que a digitação da tese é uma condição para inferências sobre o amor; o evento “digitação” pode ser, inclusive, material conversacional já familiar, mencionado apenas para situar a linha de raciocínio do falante para o ouvinte. No caso da sentença (4), a crença compartilhada pelos participantes da conversa sobre a esperteza de um dos participantes é a condição que permite a pergunta sobre o nascimento de Tiradentes.

1.1.2 Postura epistêmica

A noção de postura epistêmica foi estabelecida por Fillmore (1990 a, b), referindo-se à associação ou dissociação mental do falante em relação ao conteúdo expresso na prótase. As condicionais em português, tal como em inglês, apresentam possibilidades de sinalização de posturas epistêmicas neutra e negativa (*Se chover, eles vão cancelar o jogo/Se chovesse, eles cancelariam o jogo*). No entanto, o Português do Brasil parece sinalizar também, diferentemente do inglês¹, postura epistêmica positiva: *Chovendo, eles vão cancelar o jogo*².

1 Em Missão Acadêmica realizada na Universidade de Lisboa em nov/97 (Convênio CAPES/JNICT), obtive a informação de que as construções condicionais não-finitas não são produtivas no português europeu.

2 Essa proposta está desenvolvida no trabalho Estrutura Conceptual: “Contraste entre Construções Condicionais Finitas e Não Finitas em Português”. In: *Língua, lingüística e literatura*, Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 235-52).

A noção de perspectiva subjetiva do falante (ponto de vista) refere-se ao espaço a partir do qual outros espaços são criados, sinalizando o grau de inserção do falante à cena descrita. Comparemos os seguintes exemplos:

- (6) *Se chover, o juiz vai cancelar o jogo.*
- (7) *Se chove, o juiz cancela o jogo*

Nos dois casos, a postura epistêmica é neutra: o falante não se associa mentalmente com o espaço em que chove, nem com o espaço em que não chove. Em (7), embora a postura epistêmica também seja neutra, infere-se a inserção do falante à cena descrita.

Em ambos os casos ocorre mesclagem de perspectivas, em que o sujeito-enunciador não só representa o mundo, como também representa a representação que faz do mundo, conforme será discutido mais adiante na análise dos dados.

1.1.3 Ponto de vista

O acesso à informação de formas diferenciadas em contextos diferentes é uma propriedade inerente à cognição humana. Trabalhos lingüísticos recentes têm analisado as formas pelas quais estruturas semânticas e pragmáticas fazem uso de processos específicos de acessibilidade. Langacker (1987, 1991) e Talmy (1978, 1988) argumentaram que a sintaxe e a semântica estão constantemente criando pontos de vista de formas que estão intimamente ligadas com suas funções. Fauconnier (1985) argumentou que o subjuntivo francês em cláusulas relativas marca o conteúdo dessas cláusulas como parte do modo “irrealis” criado pela cláusula subjuntiva hierarquicamente superior, e impede a informação contida na relativa de ser tomada como uma descrição de uma situação do mundo real. Essa escolha de modo pode ser, portanto, encarada como a sinalização do ponto de vista do falante. Fleischman (1990), Silva-Corvalan (1983) e outros explicitaram formas pelas quais tempo, aspecto, dêixis, escolha de descrição referencial e outras marcas lingüísticas formais estruturam a apresentação do ponto de vista em textos literários. Esses trabalhos, na realidade, são compatíveis com a abordagem da teoria dos espaços mentais. A perspectiva subjetiva é sinalizada através de pistas gramaticais indicadoras do espaço mental em que se está em um determinado ponto do discurso.

Com relação às construções condicionais, Sweetser (1996, p. 326) demonstrou que formas verbais contrafactuais em inglês podem ser usadas para marcar a aplicação de uma descrição definida no interior de um espaço condicional, e não no espaço-base. Os seguintes exemplos ilustram o fenômeno:

- (8) *If she gave me the tickets, I'd go to the play she **wanted** me to go to.*
“Se ela me desse os ingressos, eu iria à peça que ela **quisse** que eu fosse.” (isto é, a qualquer peça que ela escolhesse)

- (9) If she gave me the tickets, I'd go to the play she **wants** me to go to.
"Se ela me desse os ingressos, eu iria à peça que ela **quer** que eu vá"
(isto é, existe uma peça específica)

Na sentença (8), em que prótase e apódose mostram postura epistêmica negativa, a forma verbal no pretérito (em português, a forma correspondente seria o imperfeito do subjuntivo "quisesse") marca concordância com a postura epistêmica negativa - portanto, a descrição é tomada como aplicando-se ao espaço condicional (ou seja, o ponto de vista é o espaço condicional). A sentença (9), por outro lado, mostra postura epistêmica negativa semelhante, marcada na prótase e na apódose, mas a cláusula relativa apresenta o verbo no presente, e portanto, a descrição é feita a partir do ponto de vista do espaço base.

1.1.4 Mesclagem

Fauconnier e Turner (1994, 1996) propuseram a existência de um processo cognitivo geral - *mesclagem conceptual* - que opera a partir de espaços mentais que funcionam como "inputs". A mesclagem herda estrutura parcial desses espaços, mas tem estrutura emergente própria.

Quando dois espaços são mesclados, as seguintes condições são satisfeitas:

1. MAPEAMENTO INTER-DOMÍNIOS - Há um mapeamento parcial das contrapartes entre os espaços-input I1 e I2.
2. ESPAÇO GENÉRICO - Há um espaço genérico que reflete estrutura e organização comum, geralmente mais abstrata, compartilhada pelos inputs.
3. MESCLA - I1 e I2 são parcialmente projetados em um quarto espaço, a mescla.
4. ESTRUTURA EMERGENTE - a mescla tem estrutura emergente fornecida pelos inputs; as projeções dos inputs estabelecem novas relações disponíveis que não existem nos espaços separados.

Os processos de mesclagem estão presentes em vários níveis: permeiam desde processos macro-discursivos (cf a parábola do monge budista, Fauconnier 1997, p. 151) até estruturas gramaticais específicas, como construções contrafactuais, causativas e de movimento fictício.³

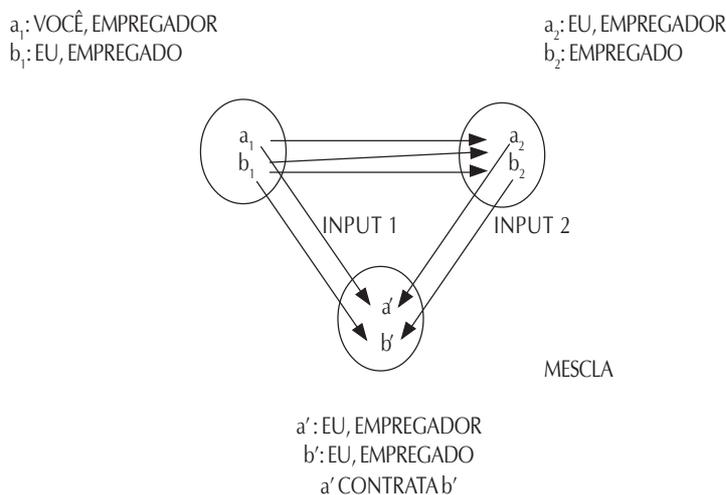
No que se refere a construções condicionais, Fauconnier (1997) aponta processos de mesclagem em condicionais contrafactuais em inglês. Exemplo análogo em português seria o seguinte:

- (10) *Se eu fosse você, eu me contrataria.*

3 Langacker (1987) estudou as construções de movimento fictício (ou abstrato, ou subjetivo), exemplificado por sentenças como "The blackboard goes all the way to the wall" (*O quadro-negro vai por toda a parede*).

O significado dessa sentença envolve um mapeamento do espaço “real”, em que “você” é responsável pela contratação, para um espaço contrafactual em que as disposições do falante, mas não sua situação foram transferidas para o ouvinte “você”. A conexão entre o falante no espaço base e o ouvinte no espaço contrafactual permite que o empregador contrafactual seja identificado como “eu” em virtude do Princípio de Acesso.

Vale notar que não se está sugerindo que o empregador contrate a si mesmo, ou que o empregado deveria tomar o poder e contratar-se. A expressão lingüística sinaliza uma mescla, que foi estabelecida pelo mapeamento analógico interdomínios entre as duas situações. O diagrama a seguir representa o fenômeno:



A partir da mescla, toda a estrutura pode ser explorada para a produção de inferências. Com base no princípio pragmático de “atribuição egocêntrica” – (“faça o que eu faço” – (Fauconnier, 1997), a estrutura da mescla pode ser mapeada de volta para o Input 1: o ouvinte deve contratar o falante.

1.2 Interação e gramática

Ao mesmo tempo em que atuam como pistas para a construção do sentido, as construções gramaticais caracterizam-se como modos de interação social. Essa visão, fortemente associada com pesquisas em análise da conversação (Goodwin, 1981, Sacks, 1992, Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974), tem raízes antropológicas e lingüísticas que remontam à proposta de Sapir de que a linguagem interpenetra-se com a experiência e, mais recentemente,

orienta vários estudos de natureza interacional (Ochs, Schegloff & Thompson, 1996). A noção principal é a de que a gramática não é apenas um recurso para a interação e nem tampouco apenas um resultado da interação, mas sim parte da essência da interação em si mesma. Em suma, a gramática é inerentemente interacional.

No que se refere às construções condicionais, Lerner (1996) argumenta que essas construções atuam como oportunidades interacionais que se desenvolvem temporalmente para reorganizar a tomada de turnos. Por serem *unidades de construção de turnos compostas*, as construções condicionais incluem um componente preliminar que projeta uma forma possível para o componente final da unidade de construção de turno. É possível, portanto, que haja uma antecipação na finalização do turno por outro falante, como no exemplo a seguir:

(11)

Sparky: And if you and Cheryl go together
David: you don't have enough.⁴

No exemplo acima, retirado de Lerner (1996, p. 243), David começa sua emissão, que está ligada sintaticamente à *unidade de construção de turno composta* que está em curso, no ponto em que há uma finalização possível do componente preliminar. Dessa forma, dois participantes colaboram na produção de uma única unidade de construção de turno, o que resulta em uma mudança de falantes intra-turno.

A exploração dessa possibilidade de tomada de turno pode ser usada para realizar um número variado de ações, como por exemplo, para demonstrar concordância, para esvaziar uma discordância-em-curso com o falante ou para colaborar com o falante na explicação de algo para outro participante. Em termos de espaços mentais, pode-se presumir que, ao completar a apódose de uma condicional, o participante da interação está automaticamente sinalizando a aceitação do espaço mental condicional anteriormente introduzido por outro participante como relevante para a conversação em curso.

Em termos mais gerais, pode-se sugerir que as características sintáticas e semânticas das construções condicionais estão intimamente ligadas à criação de espaços mentais e aos fenômenos de postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem envolvidos na configuração que se vai estabelecendo à medida que o discurso se desenvolve. Considerando-se que a gramática é inerentemente interacional, pode-se supor ainda que tais características

4 Sparky: E se você e Cheryl forem juntos
David: vocês não terão o suficiente.

sintático-semânticas constituirão estratégias de *negociação* dos domínios cognitivos a serem acessados, conectados, focalizados e mesclados durante a interação conversacional.

2. Metodologia

Tendo em vista o caráter sócio-cognitivo da pesquisa, optou-se pela análise das construções condicionais que ocorrem na interação conversacional real. Com esse objetivo, será utilizado um trecho de cinco minutos de transcrição da interação entre professores integrantes do Projeto Pró-Leitura, na Escola Fernando Lobo, em Juiz de Fora.

Vale ressaltar que a interação conversacional no projeto supra-mencionado refletiu decisões epistemológicas anteriores a respeito do evento, em que se propôs uma dinâmica específica, na qual o professor-formador não deveria exercer unilateralmente o papel de transmissor do conhecimento. A proposta é que se estabelecesse uma prática reflexiva que propiciasse a emergência de novos conceitos a respeito do ensino de leitura a partir da própria experiência dos professores envolvidos.

No trecho interacional analisado, observou-se a necessidade de negociação de turnos e de estabelecimento de domínios cognitivos específicos. Com relação às construções condicionais, esse tipo de corpus favoreceu a investigação dentro dos moldes teóricos propostos.

3. Hipóteses

As hipóteses gerais que nortearam o trabalho foram as seguintes:

- I. Todas as construções condicionais são introdutoras de espaços mentais, diferindo quanto ao tipo de instrução para o acompanhamento de informações relativas à postura epistêmica adotada pelo falante, ao tipo de perspectiva subjetiva sinalizada e ao estabelecimento de processos de mesclagem.
- II. Na interação conversacional, os diferentes tipos de construções condicionais atuam como estratégias de negociação para o estabelecimento de predições, para a realização de atos de fala e para a fundamentação de conclusões.

Com relação às hipóteses específicas, relacionadas às condicionais factuais encabeçadas pela conjunção “se”, estabeleceu-se o seguinte:

- la. A escolha entre o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo na prótase indica diferentes processos de mesclagem de perspectivas.

Ila. Os diferentes processos de mesclagem de perspectivas sinalizados atuam como estratégias de negociação de pontos de vista na interação conversacional.

4. Análise contrastiva de prótases condicionais: presente do indicativo x futuro do subjuntivo

Em uma análise preliminar desse fenômeno,⁵ foi possível observar que construções condicionais factuais introduzidas por “se” podem diferir quanto ao uso do tempo verbal na prótase para sinalizar diferentes estágios na negociação para a introdução de predições, conclusões ou atos de fala..

O trecho a seguir reproduz a interação entre professores (P1, P2, etc) e professor -formador (PF), participantes do Projeto Pró-Leitura, em Juiz de Fora. Nessa interação, os professores refletiam a respeito de gêneros e tipos textuais, como se pode observar a seguir:

PF: se ocê pega aqui é um ensaio/esse texto é um ensaio tá vendo?

P1: [ahã]

PF: cê tem informação...

P2: cê já tem no ensaio/cê, cê já faz aquela reflexão...argumentativo/

P3: [argumentativo é]

P2: que o autor vai nos levar a refletir sobre determinado assunto, mas que ele não vai fechar questão, vai...o leitor né/se questionar/

PF: é o ensaio é até mais reflexivo até

P2: [reflexivo]

PF: tem um ponto sei lá/(+) se pegar um editorial que também é argumentativo/o editorial/ele tem um tom muito mais polêmico, enquanto texto argumentativo, do que ensaio (++) né (+)

P3: mhm então quer dizer aí a gente vê, pelo ensaio você já vai/ você já vai fazendo leitura preparando-se mais para uma reflexão (2.2) né isso?

PF: é (+) na verdade quando você pe/é pega um texto argumentativo do tipo ensaio (++) é quando você lê a informação aqui né/de que esse texto é um ensaio/cê fala: opa eu vou ler um texto (++) eu vou ler um texto de opinião(+)

No trecho acima, encontram-se três tipos de prótases condicionais:

5 Ferrari, L.V. *Construções Condicionais e a Negociação de Perspectivas Epistêmicas na Interação entre Professores*. 1998 (Relatório parcial do projeto Aspectos lingüístico-cognitivos das construções gerundiais e participiais em Português - CNPq)..

- A. CONJUNÇÃO SE + PRES. DO INDICATIVO (*Se ocê pega aqui é um ensaio...*);
- B. CONJUNÇÃO SE + FUTURO DO SUBJUNTIVO (*Se pegar um editorial que também é um texto argumentativo...*);
- C. CONJUNÇÃO QUANDO + PRES. DO INDICATIVO (*Quando você pega um texto argumentativo do tipo ensaio....*);

Vale destacar que todas as três prótases foram introduzidas pelo professor-formador, embora no primeiro caso a apódose tenha sido cooperativamente finalizada pelos outros professores. Esse fenômeno demonstra que as construções condicionais funcionam como OPERADORES sobre o discurso subsequente, estabelecendo as suas condições de validação. Nesse sentido, próprio “design” sintático das construções condicionais é altamente favorecedor de processos interacionais (nos termos de Lerner 1996), possibilitando a troca de falantes intra-turno e, conseqüentemente, a distribuição da “palavra”, o que torna a interação menos verticalizada.

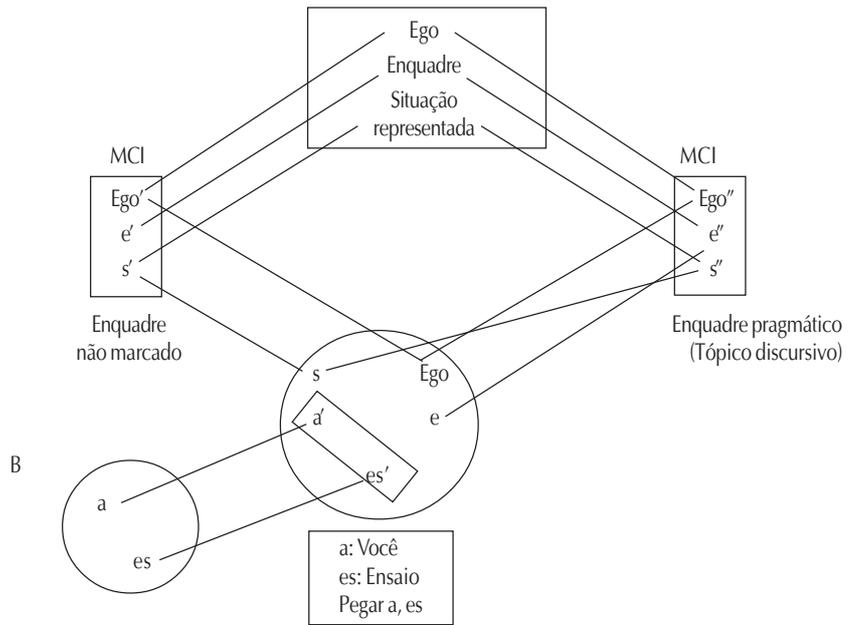
Quanto à conjunção, vale salientar que a terceira condicional apresenta-se encabeçada por “quando”. Trata-se de um operador de domínios (Declerk 1988, Fauconnier, 1997), que pode ser interpretado com sentido genérico de “nas vezes em que”. Observa-se que, no trecho analisado, esse tipo de condicional retoma a primeira condicional, alterando-se basicamente a conjunção. A explicação para esse fato pode estar ligada às diferentes posturas epistêmicas adotadas nos dois diferentes momentos da interação. Inicialmente, a PF utiliza-se de uma postura epistêmica neutra para *sugerir* o domínio no qual determinadas afirmações quanto a tipos de texto devem se inserir. No segundo momento, o falante já *negociou com êxito* o domínio relevante, marcando a reintrodução desse domínio com a sinalização de postura epistêmica positiva.

Para finalizar, vale destacar a distinção entre a primeira e a segunda condicional quanto a tempo e modo verbais. Quando introduz condicionalmente o tópico “ensaio”, a PF utiliza o presente do indicativo (“*se ocê pega um ensaio...*”); quando introduz condicionalmente o tópico “editorial”, a opção é pelo futuro do subjuntivo (“*se pegar um editorial...*”). Considerando-se que em ambos os casos há uma mesclagem de perspectivas, em que o sujeito-enunciador não só representa o mundo, como também representa, por meio da condicional, a representação que faz do mundo, a distinção que se estabelece é com relação à maneira pela qual essa representação-da-representação é feita. O que se verifica é que, através do uso do presente do indicativo, o falante insere-se à cena descrita, marcando pragmaticamente a representação da situação quanto ao tópico discursivo (“é do ensaio que quer falar”). O diagrama 12a representa os processos de mesclagem envolvidos.

Por outro lado, com o uso do futuro do subjuntivo o falante marca neutralidade discursiva em relação ao editorial (“editorial é apenas tópico secundário”), como demonstra o diagrama 12b.

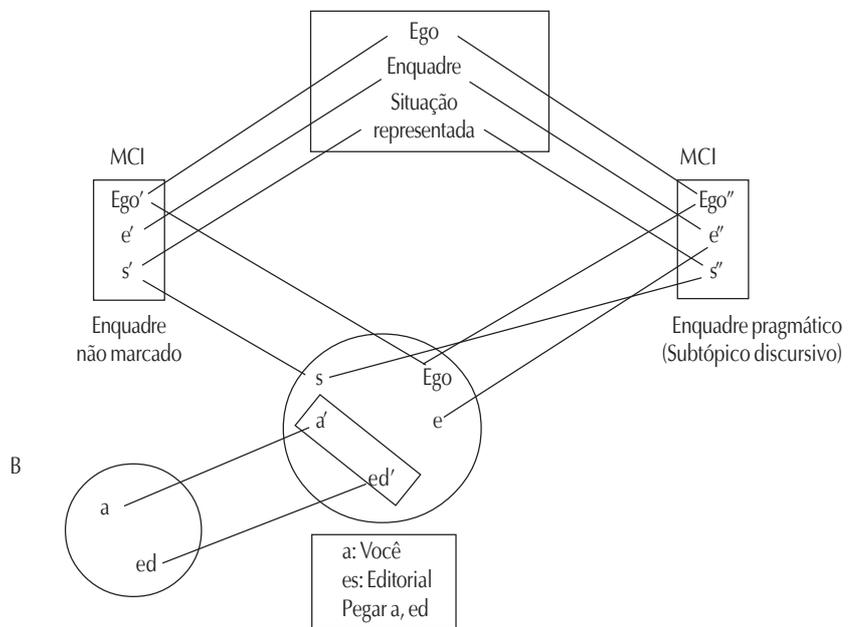
(12a)

ESQUEMA GENÉRICO



(12b)

ESQUEMA GENÉRICO



Os diagramas (12a) e (12b) ilustram a mesclagem no espaço da representação. O Ego institui-se temporariamente como Outro para realizar um determinado ato de fala. Ao invés de afirmar simplesmente “*O editorial tem um tom muito mais polêmico do que o ensaio*”, em que se representaria a situação de forma não-marcada, o professor-formador insere-se na cena descrita através do uso da condicional “*Se pegar o editorial, o editorial tem um tom muito mais polêmico do que o ensaio*”. Nesse caso, estabelece-se um enquadre pragmaticamente marcado, estabelecendo-se uma postura epistêmica neutra em relação à seleção do editorial. Do ponto de vista discursivo, essa neutralidade indica o status secundário desse tipo de texto em relação ao que se pretende estabelecer como tópico (no caso, o ensaio).

Considerações finais

O presente trabalho enfocou as construções condicionais no Português do Brasil com base nas noções de postura epistêmica, ponto de vista e processos cognitivos de mesclagem.

A análise dessas construções em um contexto interacional específico lançou luz sobre fenômenos tais como escolhas modo/temporais e seleção de conjunções. Os resultados obtidos demonstraram que tanto o uso do presente do indicativo quanto a uso do futuro do subjuntivo sinalizam enquadres pragmaticamente marcados com relação à representação da situação em pauta. O ego adota o ponto de vista de quem age de uma maneira determinada, embora com objetivos comunicativos diferentes. No caso do uso do presente, pretende destacar, como tópico de sua argumentação, um tipo de texto (entre outros); no caso do futuro, pretende apenas mencionar um outro tipo de texto como contraponto para a argumentação principal.

Quanto à seleção das conjunções, verificou-se que a conjunção “se” sinaliza a negociação para a introdução de espaços mentais condicionais, enquanto que o uso da conjunção “quando” (*operador de domínios*) indica o reintrodução de espaços condicionais já negociados com êxito.

Referências Bibliográficas

- DANCYGIER, B. Two Metatextual Operators: Negation and Conditionality in Polish. *Proceedings of the Eighteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 61-75, 1992.
- _____. Interpreting Conditionals: Time, Knowledge and Causation. *Journal of Pragmatics*. v. 19, p. 403-34, 1993.

- DANCYGIER, B & SWEETSER, E. Conditionals, Distancing, and Alternative Spaces. In: Goldberg, A. *Conceptual structure, discourse and language.*, Stanford, California: CSLI Publications, 1996. p. 83-98.
- _____. Then in Conditional Constructions. In *Cognitive Linguistics*. v. 8, n. 2, p. 109-136, 1997.
- FILLMORE, C. Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences. *Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 137-162, 1990 a.
- _____. The Contribution of Linguistics to Language Understanding Understanding. In: BOCAZ, Aura. *Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture*. Universidad de Chile. 1990 b. p. 109-28.
- FLEISCHMAN, S. *Tense and Narrativity: From Medieval Performance to modern fiction*. Austin, Tex: University of Texas Press, 1990.
- HAIMAN, J. Conditionals are Topics. *Language*. p. 543, 564-89, 1978.
- LANGACKER, R. 1987. *Foundations of cognitive linguistics, vol I*. Stanford, Ca: Stanford University Press.
- _____. *Foundations of cognitive linguistics, v. II*. Stanford, Ca: Stanford University Press, 1991.
- LERNER, G. On the Semi-Permeable Character of Grammatical Units in Conversation: Conditional Entry into the Turn Space of Another Speaker. In: OCHS, SCHEGLOFF & THOMPSON. *Interaction and Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 238-76.
- SILVA-CORVALAN, C. Tense and Aspect in Oral Spanish Narrative: Context and Meaning. *Language*. v. 59, p. 760-80, 1983.
- SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. Mental Spaces and The Grammar of Conditional Constructions. In: SWEETSER & FAUCONNIER. *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996. p. 318-33.
- TALMY, L. Figure and Ground in Complex Sentences. In: GREENBERG, *Universals of Human Language*. v. 4: *Syntax*. Stanford, Calif: Stanford University Press, 1978. p. 625-49.
- _____. The Relation of Grammar to Cognition. In: RUDZKA-OSTYN. *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 165-205.
- TRAUGOTT, E. Conditional Markers. In: Haiman. *Iconicity in Syntax*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 289-310.